

XV Reunião de Antropologia do Mercosul

04 a 08 de agosto de 2025, UFBA, Salvador, BA, Brasil

GT 007: Águas na Antropologia: mudanças climáticas, infraestruturas e eventos extremos

**Um rio que resiste : as
multiplicidades do Rio Doce na sua
foz após o desastre ambiental de
Mariana**

Juliette Woitchik – UCLOUVAIN SAINT-LOUIS BRUXELLES

Introdução

O trabalho que apresentarei na XV Reunião de Antropologia do Mercosul é baseado em minha tese de doutorado, defendida em Junho 2024 em Bruxelas. Este trabalho se situa na encruzilhada da antropologia e das humanidades ambientais. Ele enfoca as (re)composições sociais e territoriais observadas na foz do Rio Doce (estado do Espírito Santo no Brasil), após um dos maiores desastres ecológicos ligados às atividades de mineração¹:

No dia 5 de novembro de 2015, uma barragem de resíduos de mineração da extração de ferro pertencente à empresa Samarco (uma joint venture de duas mineradoras multinacionais VALE e BHP-Billiton), se rompeu no estado de Minas Gerais, o estado brasileiro que abriga a maioria das minas do país. Essa ruptura liberou 50 milhões de m³ de lama tóxica nas terras circundantes. Essa lama devastou completamente duas comunidades antes de chegar ao Rio Doce. A lama continuou sua descida no rio por mais de 600 quilômetros e se espalhou para o Oceano Atlântico.

O desastre provocou a morte de 19 pessoas, a realocação de pelo menos 350 famílias e a contaminação da água e do solo da bacia hidrográfica. O efeito da lama causou a morte de milhões de toneladas de peixes e a asfixia parcial do rio. 500.000 pessoas foram privadas de acesso à água potável (a água potável na região vinha principalmente do rio).

Em resposta ao rompimento dessa barragem de mineração, Samarco, Vale e BHP Billiton, as três empresas responsáveis pelo desastre, elaboraram e co-assinaram um acordo, o *Termo de Transação e Ajustamento de Conduta* (TTAC), com os estados responsáveis (Minas Gerais, Espírito Santo, União). O acordo é um procedimento extrajudicial de resolução de disputas que dá aos seus criadores total autoridade sobre as formas de gestão pós-desastre e para a determinação de quem é ou não reconhecido como beneficiário. Não prevê qualquer participação da sociedade civil nestes processos.

Este acordo, que entrou em vigor a 2 de março de 2016, deu origem à Fundação Renova, uma fundação de direito privado financiada por estas mesmas empresas e gerida por

¹ De acordo com Bowker associates (entre outros), um grupo independente sem fins lucrativos que fornece análises sobre questões de impactos ambientais.

engenheiros, que foi responsável pelos processos de compensação pelos impactos sofridos, pelas reparações técnicas dos danos ambientais causados e pela compensação monetária por atividades profissionais suspensas.

No entanto, a compensação prevista diz respeito apenas aos impactos econômicos do desastre, levando à invisibilização e negação da multiplicidade de relações com o Rio Doce e o território que os habitantes da bacia possuem, e que também foram impactados.

Como calcular a perda de um modo de vida ligado à pesca e aos laços de familiaridade entre o pescador e o rio que essa prática pressupõe? Como compensar a impossibilidade de transmitir conhecimentos e práticas às gerações mais jovens? Que lugar é dado ao desaparecimento dos seres misteriosos que habitavam o Rio Doce, como o Caboclo d'água ou o Saci, com quem alguns pescadores entraram em contato, e que garantiram o respeito ao rio e à floresta, seu lugar de vida? Com que tipo de dano estamos lidando aqui?

Questões e ambições

Nesse contexto, meu trabalho de tese consistiu em assumir a visão oposta das mineradoras, que esvaziavam o rio de suas relações e de seus seres para reduzi-lo a um corpo d'água, a um recurso natural que pode ser explorado sem se preocupar com as consequências, e que reduzem os danos causados às perdas econômicas que podem ser compensadas com dinheiro.

Várias questões nortearam minha investigação: O que é o Rio Doce (e de acordo com quem – por meio de quais relações)? Como viver num território contaminado? Como isso afeta as relações das pessoas com o rio e quais são essas relações? O Rio Doce ainda pode ser o mesmo rio, com o qual as pessoas estabeleceram relações de longo prazo, após a poluição?

Do ponto de vista antropológico, minha tese está comprometida com uma antropologia para além do humano, colocando o rio, suas relações e suas entidades no centro da investigação. Esta tese também convida a pensar em uma epistemologia mais aberta, fora das categorias e dicotomias clássicas, que nos ajudaria a pensar sobre desastres

presentes e futuros, ao convidar a sair do padrão histórico linear de "progresso" (mas também de declínio apocalíptico) que restringe nossa imaginação e nossas ações.

Local de Inquérito

Para fazer isso, realizei uma pesquisa etnográfica que ocorreu entre 2017 e 2023, entre um e três meses por ano, na comunidade pesqueira artesanal de Regência Augusta, localizada ao sul da foz do rio, no litoral capixaba. O objetivo era observar e descrever como os habitantes continuam a viver neste local afetado pelo desastre e como a contaminação (e a situação pós-desastre em geral) transformou sua relação com o rio e seu lugar de vida.

O interesse por essa área de foz pode ser explicado pela complexidade ambiental da coabitação de pescadores tradicionais que se reconhecem como caboclos, comunidades tupiniquins, guarani e quilombolas, empresas petrolíferas, gestores de reservas ecológicas e de proteção de tartarugas marinhas, agentes de turismo, surfistas e assim por diante. Isso permite estudar a multiplicidade de vínculos territoriais, às vezes contraditórios, ligados tanto ao rio quanto ao mar. Esses vínculos são simbólicos e técnicos, culturais e materiais, como evidenciam os discursos e práticas cotidianas observados no campo.

Esse lugar é o que pode ser chamado de “território contestado” (Cahn & al., 2018), no sentido de que os projetos para os quais as várias partes interessadas designaram a área estão em tensão: um espaço de vida e subsistência para os pescadores; uma área a ser preservada para os ecologistas (em detrimento da pesca e da caça); uma área a ser explorada para as empresas petrolíferas; uma área a ser administrada, ocupada e rentabilizada para a Renova...

Não há acordo sobre o que esse território *é* ou *deveria ser*. Ele é moldado pelo atrito (*frictions*) (Tsing, [2011] 2020) entre esses atores e esses projetos que coexistem. Em outras palavras, o futuro do território não é planejado por um tipo de ator em particular, mas é fruto de relações e (re)composições entre atores heterogêneos no contexto pós-desastre.

Além disso, a imersão no campo revelou-me que a vila de Regência também oferecia um raro prisma para apreender a dinâmica pós-desastre de um lugar onde a destruição causada pela lama está presente, mas pouco visível (em contraste com outras comunidades que foram completamente demolidas) e onde os impactos se somam às mudanças na paisagem e aos conflitos ambientais ligados a uma modernização tardia da região (1970-80). Isso o torna um local privilegiado para o estudo de continuidades e recomposições em um território contaminado.

Neste trabalho, descrevo precisamente as (re)composições originais, entre o que podia e o que não podia mais ser, e com o que precisava ser transformado para se manter. Descrevo-os como tantas resistências sutis e frágeis diante da destruição ecológica e das respostas insatisfatórias da Renova, em um contexto em que a heterogeneidade dos habitantes de Regência parece ter dificultado a organização de uma luta mais frontal e coletiva.

A minha ambição de explorar e descrever essas recomposições e a multiplicidade de relações com o Rio Doce foi confrontada com desafios consideráveis que me obrigaram a desenvolver uma metodologia criativa, à altura dos constrangimentos e exigências do campo de investigação.

Uma etnografia sensível

A abordagem etnográfica, feita de idas e voltas no local, me permitiu percorrer a complexidade da situação e as relações com o rio, que foram discretas no início, e me permitiu também forjar laços de confiança com meus interlocutores. Durante esses anos, privilegiei uma abordagem que chamei de « etnografia sensível » ao campo. De fato, o contexto extremamente delicado em que cheguei em 2017-18 dificultou o uso dos métodos clássicos da antropologia, que são a observação participante e as entrevistas.

Poucas práticas relacionadas ao rio ainda eram observáveis porque estavam paradas, e as pessoas expressavam desconfiança e cansaço diante dos jornalistas, agentes da Renova, cientistas e outros curiosos que desfilavam, e isso me impedia de participar de entrevistas formais e gravadas.

Em relação à "etnografia sensível", consistia em observar a evolução da minha própria relação sensível com o território e com o rio Doce, com o qual desenvolvi um crescente senso de familiaridade. No primeiro campo, por exemplo, não ousava tocar na água do rio, e pouco a pouco, observando uma volta progressivo dos usos do rio e do mar pela comunidade, comecei a navegar na água, e as vezes entrar nela, esquecendo o medo.

Observei minhas percepções de contaminação e as maneiras pelas quais lidei com ela, à medida que as estadias progrediam. As incertezas em torno da contaminação se manifestavam principalmente na esfera doméstica: que água deveria ser usada para cozinhar arroz, fazer café e escovar os dentes? Será que comer a fruta da mangueira do vizinho afetaria minha saúde?

Também prestei atenção às interações diárias que tive com as pessoas que conheci e com quem as amizades rapidamente ultrapassaram o escopo da minha pesquisa. Levei a sério a ideia de que, no campo, o relacionamento etnográfico afeta o pesquisador e seus interlocutores mutuamente - e de forma diferente. Seguindo Favret-Saada (1990), senti que minha própria transformação havia influenciado meu trabalho etnográfico. Para Favret-Saada, não se trata de empatia, que consistiria em se colocar no lugar do outro, imaginando o que o outro está sentindo. Em vez disso, trata-se de se deixar afetar por uma experiência compartilhada com a outra pessoa.

Me permitiu entender como meus interlocutores foram afetados pelo desastre, acessar as percepções que eles têm de seu território e suas transformações de longo prazo, do que é importante para eles e com o que se importam. Isso abre a porta para uma comunicação que abala as certezas da antropóloga e o orienta na análise antropológica que ela produz.

Essa abordagem progressiva do campo me permitiu desenvolver descrições etnográficas finas e precisas dos modos de conviver com a contaminação, em contraste com os discursos relegados na mídia e pelas associações ativistas no contexto de demandas por indenizações dignas e justas.

Além disso, permitiu-me compreender o papel do rio, que é central para este território, na dinâmicas sociais locais.

O Rio Doce e suas relações

O campo me fez entender o rio como um dos agentes centrais das (re)composições sociais e territoriais. Primeiro, ele é historicamente constitutivo da comunidade no sentido amplo: as pessoas estão lá porque há o rio e a foz (fauna e flora abundantes e, portanto, pesca e também ecologistas; local estratégico de comércio; os perigos do rio que necessitam adaptação e constroem a memória coletiva dum herói que enfrentou a tempestade...) e, em segundo lugar, sendo contaminado hoje, ele força reconfigurações inéditas.

Para transcrever o papel do rio nas recomposições pós-desastre, recorri ao trabalho das humanidades ambientais, uma abordagem segundo a qual o ambiente não é entendido como um suporte passivo para as atividades humanas, mas se torna um agente ativo. De acordo com essa abordagem, as interações sociais e ecológicas, portanto, ocorrem "além do humano" (Kohn, [2013] 2017), com os humanos se tornando um agente entre outros e não mais o único de interesse.

Através da etnografia, rapidamente pude perceber que este rio é ele próprio composto por elementos heterogêneos e condições ecológicas particulares, de onde emerge e com as quais se relaciona. Ele se metamorfoseia sem interrupção ao entrar em contato com eles e os influencia em troca. Nesta tese, proponho considerar o rio a partir de suas múltiplas relações com outros agentes humanos e não humanos que com ele coexistem. São essas relações que fazem do Rio Doce o que ele é em sua foz.

Entre esses não-humanos, encontramos o Caboclo d'água, o ser misterioso mencionado acima e que morava no Rio Doce e interagiu com os pescadores, mas também, em outro registro, notei que a contaminação da mineração também era considerada um agente não humano – agente que havia sido imposto de fora, pelo desastre de 2015. Essa contaminação, sobre a qual ninguém sabia muita coisa, transformou profundamente o que era o Rio Doce. Isso impactou sua dinâmica e seus relacionamentos com os outros "seres" e elementos. Essa contaminação obrigou a comunidade a realizar as (re)composições que abordo nesta tese. Em outras palavras, faz *com* que os habitantes façam coisas (*faire faire*) (Latour, 2000; Despret ([2015] 2021)).

A incerteza reinava sobre a contaminação. Resultados contraditórios entre os estudos científicos encomendados pela Fundação Renova e os estudos independentes impediram resultados confiáveis. Em Regência, a contaminação apareceu como algo vagamente identificável, mas cuja definição não foi dada a priori e foi transformada pelas relações (humanas e não humanas) em que foi capturada. Essa confusão não impediu as pessoas de nomeá-la, falar de "contaminação" e agir de acordo com as qualificações que todos lhe atribuíam: pescar ou não, comer peixe ou não — e em que quantidade? Para cozinhar seu arroz com água da torneira ou não... Assim, a contaminação existe e se manifesta na multiplicidade de suas relações.

A Fundação Renova também foi um ator importante na transformação das relações com o rio. Ela também entrou em uma relação com o rio e o transformou. Ou seja, não podemos mais falar do rio sem pensar ele junto com a contaminação e com a Renova...

Diferente do caboclo d'água e da contaminação, compartilhava seu caráter indescritível, relacional e múltiplo. Parecia mudar de forma: primeiro se manifestou por meio de rumores de sua chegada, depois pela presença física de seus agentes e, finalmente, pela imposição de seu logotipo durante a maioria dos eventos culturais locais, como patrocinador desses eventos. Falar da "Renova" era falar da entrada de dinheiro, da compensação e dos conflitos que daí resultaram... São todas essas coisas ao mesmo tempo. Impôs-se ao território e contribuiu para a desconstrução de toda a vida social através do seu papel decisivo nos processos pós-desastre. E, no entanto, também se manifestou por sua ausência, assim que se tratou de responder às reclamações dos habitantes sobre suas deficiências.

Durante as minhas estadias, tive a sensação de que a Renova ocupava grande parte do espaço, ameaçando a existência de relações com as outras entidades do rio e do território. E, ao fazê-lo, ameaçou diretamente a existência desses seres, como é o caso do Caboclo d'água.

Ferramentas de análise e escrita

Essas observações no campo me levaram a buscar ferramentas de análise e escrita que me permitissem descrever instabilidades, incertezas, multiplicidade, que compõem o cotidiano, mas que, além de serem negadas pelas empresas, também são muitas vezes varridas por nossas teorias. Tendemos a buscar as regularidades de um fenômeno, por exemplo, ou a colocar os fenômenos em categorias delimitadas por uma epistemologia baseada em dicotomias – dicotomias que orientam as lógicas extrativistas das empresas e sua gestão de desastres: a oposição entre Natureza e Cultura; entre o que é Objetivo e Subjetivo; entre o que são fatos ou crenças científicas – o que deixa pouco espaço para toda uma série de realidades, que vão além dessas dicotomias e que não se encaixam no registro das certezas científicas.

Na tese, escolhi usar o termo "*entidade*" para falar sobre esses diferentes seres e fenômenos heterogêneos. No Brasil, o termo é comumente usado para se referir a seres que podem ser agrupados de forma desajeitada sob o termo "seres espirituais". Abrange várias realidades que, parece-me, compartilham propriedades comuns, como o poder de uma agência (e a virtualidade [no sentido de latência] dessa agência, que se manifesta apenas em contextos específicos), um caráter metamórfico, um caráter relacional e a capacidade de escapar a categorias e definições unívocas e definitivas.

Assim, o termo, tal como é utilizado no Brasil e como me proponho a estendê-lo na tese, não se refere a unidades autônomas com contornos definidos e fixos como pode ser o caso quando falamos de entidade territorial, pessoa jurídica ou entidade administrativa. Pelo contrário, eu o defino de forma ampla como um ser que é pelo menos identificável, nomeável (o Caboclo d'água; a contaminação...), sem que isso implique desenhar contornos fixos, estanques e imutáveis. Isso não implica univocidade, mas deixa espaço para a multiplicidade (o caboclo é isso, mas também aquilo, e às vezes desta forma e outras vezes de forma diferente, sem que uma definição se aproprie).

Através da noção de entidade e desta atenção à multiplicidade, a ambição é desestabilizar o que pensamos saber (o rio; a contaminação; uma instituição...), desestabilizar os nossos reflexos de pensamento em dicotomia e categorias delimitadas para abrir a nossa forma de pensar ao que ainda não tem lugar na epistemologia dita moderna (Latour, [1991] 2013).

Neste trabalho, sugeri de considerar a entidade a partir de suas dimensões relacionais. Fui inspirada para isso pela noção de *conexões parciais* proposta pela antropóloga Marilyn Strathern ([1991] 2004), para expressar o fato de que as relações existem em prioridade aos elementos que elas conectam. Não há entidades autônomas que preexistam aos relacionamentos. Em outras palavras, os elementos (que chamei de entidades neste trabalho) emergem de suas relações com outros. E as relações não são totalizantes; pelo contrário, são parciais e parciais.

De acordo com esse prisma, as multiplicidades não se sobrepõem ou se compilam próximas umas das outras, mas se sobrepõem parcialmente. Nem nunca há uma totalidade ou unidade na qual a multiplicidade se funda. Em outras palavras, as entidades existem por meio de suas conexões parciais. Essas relações parciais às vezes podem ser conflituosas. Por exemplo, uma das relações pode, em um determinado contexto, ser privilegiada em detrimento de outras, posicionando-se temporariamente como uma relação hegemônica. Isso dá uma dimensão política importante à ideia de conexões parciais.

Se tomarmos aqui o exemplo do Rio Doce para a ilustração das minhas palavras, para o povo Krenak que vive às margens do Rio Doce na divisa entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, trata-se do *Watu*, o ancestral (na medida em que está inserido em relações de parentesco). Mas ele é um recurso natural que pode ser explorado aos olhos dos industriais (está inserido em relações de exploração e extração).

As duas concepções do rio são opostas, mas se comunicam. A concepção dos Krenak é alimentada pela de indústrias que, como concepção hegemônica na região onde vivem, tem efeitos diretos sobre o *Watu* (a contaminação do rio, por exemplo). Os Krenaks não podem ignorar as relações de exploração que os industriais têm com o rio. Portanto, existem conexões, relações parciais entre os dois. E o rio se torna "mais de um, menos de muitos" (*more than one, less than many*). É múltiplo sem ser plural.

A peculiaridade dessa situação é que o inverso não é necessariamente verdadeiro: as mineradoras não precisam - e, além disso, não reconhecem - *Watu*. Elas consideram isso uma impossibilidade ontológica.

A isso se somam as múltiplas relações que o povo de Regência tem com esse "mesmo" *Watu*, o Rio Doce, que também levantam questões sobre o fato de ser de fato o "mesmo" rio, na medida em que se enreda em relações diferentes das dos Krenaks e das empresas... Isso nos leva a considerar que este rio é múltiplo, mas não plural por tudo isso.

Da mesma forma, a definição de contaminação por pescadores como eles a vivenciam no dia a dia entra em contato e tensão com a definição dada pela Fundação Renova, por um lado, e, por outro, por cientistas independentes. Essas interpretações não são separadas ou completamente sobrepostas. Elas estão parcialmente conectadas e se transformam em seu relacionamento. Ou seja, a percepção de contaminação dos pescadores é influenciada por suas relações com a Renova e os cientistas (entre outras coisas).

Também me baseei no trabalho de Marisol de la Cadena (2014; 2015), particularmente no que ela chama de “aberturas ontológicas”. Essas aberturas consistem em abrir espaço para o que vai além da estrutura moderna de pensamento, para o que não pode ser conhecido por meio dela e que, no entanto, é - o Caboclo d'água, por exemplo, que não pode ser compreendido com as ferramentas dos métodos científicos.

A estrutura moderna de pensamento, que opõe natureza/cultura, fato e crença, não deixa nenhuma possibilidade para o Caboclo d'água de ser outra coisa senão uma crença, uma mentira, uma lenda. Por meio da ideia de aberturas ontológicas, de la Cadena mostra como a epistemologia moderna nos cegou para toda uma série de realidades.

Essa abordagem leva a sério a desestabilização, as dúvidas, os rumos indeterminados que os acontecimentos podem tomar, ao invés de vê-lo como um problema a ser resolvido, querendo a todo custo chegar a uma versão dos fatos, que suplantaria as demais, ou uma definição do que é o rio, ou uma única direção que Regência deveria tomar para o futuro e que seria ditada pelas políticas da Renova.

Um dos desafios tem sido manter meu próprio esforço de aberturas ontológicas para fazer a multiplicidade existir através do meu texto. Repetidas vezes, as categorias usuais continuaram a me restringir, apesar do meu desejo de me livrar delas. E essa batalha

contra as categorias de pensamento e dicotomias em que estou imerso foi perpetuada ao longo da tese, principalmente na escrita do manuscrito.

Para fazer isso, recorri a uma etnografia especulativa. – Como o caboclo d'água não pode ser conhecido por meio de nossas categorias de pensamento, foi necessário se desprender delas e passar por um ato de especulação para imaginar o que é esse ser e quais seriam suas condições de existência. Especulação não significa que você pode inventar uma realidade do zero. Baseia-se na etnografia, nos discursos e práticas dos habitantes que conheci. Emerge desse encontro etnográfico entre essas pessoas e eu. Busca traduzir de forma mais precisa as relações que os pescadores podem ter com um ser que, para nós, não tem realidade.

Uma tese em seis capítulos

Cada um dos seis capítulos da tese se concentra em uma entidade específica. A escolha das seis entidades (entre muitas outras) foi feita pelo lugar de importância que observei que elas ocuparam no campo. As entidades apresentadas na tese são diversas e têm cada uma um modo de existência próprio, que é descrito nos capítulos, mas compartilham uma característica comum, que é o fato de serem difíceis de entender. Eles escapam de categorias e definições rápidas e restritas. Eles estão constantemente em movimento e ameaçam ocupar muito espaço ou desaparecer.

O prisma da "presença-ausência" dessas entidades em Regência permite dar textura e volume ao Rio Doce e ao território estudado. Destaca também o trabalho e a atenção que são exigidos dos protagonistas para "presentificar" (tornar presente) as entidades, mas também para fazer desaparecer esses seres ou fenômenos, que, juntos, dão amplitude e impedem de ver o rio apenas como um recurso natural H₂O, por exemplo. Permite uma narrativa que olha para hesitações e incertezas, refletindo da melhor maneira possível o que foi observado no campo. Mostra as oscilações entre os "mundos" que coexistem discretamente.

Em relação à organização dessas entidades na estrutura da tese, procedi tomando o desastre como ponto de partida. Em primeiro lugar, apresentei seres que de repente se impõem e ameaçam a presença de seres já presentes. Depois, há seres que tem uma

presença frágil, cuja contaminação causaria o desaparecimento definitivo, mas que, ainda assim, resistem. Finalmente, os dois últimos capítulos são dedicados a seres tão estabelecidos que se poderia imaginar que eles resistem à situação pós-desastre. Só que, se não cuidarmos deles, eles ameaçam desaparecer.

Também mostro os meios pelos quais eles poderiam resistir e se tornar motores de resistência à definição da situação local pelas empresas, inclusive o futuro do local parece ser decidido de antemão

Essa progressão é acompanhada por uma trajetória do rio ao oceano, que segue o caminho da lama tóxica, mas também a trajetória da comunidade, que se volta mais para o mar desde 2015. Esses capítulos descrevam alguns fragmentos do rio e de Regência.

Os dois primeiros capítulos tratam de entidades impostas que são, de um lado [1] a Fundação Renova, e de outro [2] contaminação. Ambos estão extremamente presentes no território, mas ambos permanecem elusivos. Eu as descrevo em sua multiplicidade, enquanto seria tentada defini-las como blocos cujas ações e efeitos sabemos como antecipar.

O primeiro capítulo trata da gestão pós-desastre como pude observá-la e sentir os efeitos dela em Regência. Nele, descrevo os processos de compensação que foram implementados após o rompimento da barragem da Samarco pela Fundação Renova. A Renova é contada através da minha percepção das relações que estabeleceu com a população e o que provocou no local. Durante minhas várias estadias entre 2017 e 2022, sua presença foi transformada. Mostro como os processos pós-desastre de fato pioram a situação local, provocando conflitos internos e fragmentando a comunidade.

O segundo capítulo enfoca a contaminação da mineração como agente transformador do rio e a relação que os habitantes têm com ele. O capítulo descreve a situação de contaminação do clima geral de incerteza que reina em Regência. Poucos resultados de estudos chegaram aos habitantes e esses resultados dependem de seus patrocinadores, que os interpretam de acordo com seus interesses (Samarco e Renova, de um lado, estudos independentes encomendados pelo Ministério Público, de outro). Os habitantes então formam sua própria experiência sobre a contaminação, confiando em suas

percepções e familiaridade com o rio. Longe de ser um consenso, a situação revela uma confusão, bem como interpretações da situação que levam a práticas muito heterogêneas e divergentes. A contaminação é múltipla e está enraizada em relações específicas. Ou seja, a contaminação da foz do Rio Doce pela Samarco não é um objeto único, à espera de ser descoberto pelos cientistas, mas emerge de um emaranhado de saberes e dúvidas de diferentes fontes, registros de saberes e práticas. Juntos, eles trazem à tona o que "é" a contaminação e o que significa "comer peixe contaminado" para os habitantes de Regência, no contexto das incertezas que vivenciam desde o desastre do Rio Doce.

O terceiro e quarto capítulos apresentam entidades com heranças afro-indígenas, que são dum lado [3] os seres do rio e da floresta, o Caboclo d'água e o Saci, e do outro lado, [4] o São Benedito, padroeiro do lugar, cuja presença está ameaçada pela frágil situação ecológica. Essas entidades precisam de condições especiais para existir, que devem ser cultivadas para que possam retornar/ficar e se tornarem aliadas da resistência.

Os seres do terceiro capítulo, que habitam a foz do rio, têm um modo de existência que requer atenção humana e um ambiente acolhedor. A degradação ambiental teve um impacto direto sobre esses seres, que preferiram ir embora. No entanto, mostro que eles não desapareceram completamente. Em vez disso, eles se transformaram. Considerados lendas, eles também escapam parcialmente dessa atribuição e continuam a interagir, em novas formas, com os humanos. Por fim, quis insistir nas origens africanas e indígenas que lhes são atribuídas e nas formas como esses personagens são hoje reapropriados e reivindicados como figuras anti-imperialistas por aqueles que compartilham essas origens com eles. Encarnando a figura do malandro – do *trickster*, por excelência, eles se tornam aliados em uma luta assimétrica, que os obriga a astúcia, enganar e desviar do oponente.

Quanto ao quarto capítulo, trata de São Benedito, que considero ser outro ser que confunde as categorias modernas. Exploro as relações sociais, históricas e espirituais que a população de Regência tem com esse santo e suas heranças afro-indígenas, bem como as maneiras pelas quais a contaminação do rio Doce afetou essas relações. As tradicionais celebrações em honra de São Benedito, o santo dos pobres, dos negros, e das populações indígenas, remetem a um património complexo que é cada vez mais negado e ameaçado.

Apresento uma análise de sua presença em Regência com base nas noções de *relação afroindígena* (Goldman, 2023) e de *encruzilhadas* (própria das matrizes africanas) o que me permitiu descrever modos de encontro diferentes daqueles comumente descritos como sincretismos. Mostrei que, nessas cosmologias, os encontros e as formas que eles poderiam assumir eram abertos e indeterminados. Com base nisso, mostrei como a presença de São Benedito, ameaçada por igrejas evangélicas e pelo rompimento da barragem de mineração em 2015, conseguiu se manter transformando-se. No entanto, trata-se também de ver como a presença do Santo poderia se tornar um recurso para resistir às ameaças que essa contaminação representa para a comunidade e seu território.

Os dois últimos capítulos se concentram em figuras mais emblemáticas que são reivindicadas como centrais pela comunidade. O quinto capítulo enfoca [5] a tartaruga marinha, símbolo do lugar e objeto de longa data de tensão entre pescadores e ambientalistas, e o sexto capítulo enfoca [6] a figura do Caboclo Bernardo, um mítico herói local que resgatou 128 marinheiros do navio da Marinha Imperial Brasileira que afundou na foz do Rio Doce em 1887.

O quinto capítulo trata das tartarugas marinhas que desovam na foz do rio. Nele, descrevo as ações de conservação das tartarugas marinhas que acontecem em Regência. Considerada presa pelos moradores mais velhos, o Projeto de Conservação do Tamar na década de 1980 fez da tartaruga um animal "porta-bandeira"² para o qual todos os esforços devem ser feitos para garantir um ambiente de nidificação acolhedor. Afirmo que essas transformações não ocorreram sem tensões e que deixam uma marca profunda e amarga na memória dos habitantes. Assim, a tartaruga é múltipla: a tartaruga Tamar; a tartaruga presa que habita a memória dos antigos habitantes; e uma tartaruga emergindo das tensões e alianças entre os dois. Esta última é mobilizada pela comunidade e pelo Tamar para lidar com os projetos industriais e a poluição que continuam ameaçando o animal.

O capítulo final conta a história do Caboclo Bernardo, que é o orgulho da comunidade. A comunidade se identificada com as ações realizadas na época pelo herói. A humildade e a

2 Refere-se a espécies que, por meio de sua proteção, garantem ao mesmo tempo a proteção de outras espécies e de um ambiente específico como um todo.

bravura que encarna perpetuam-se de geração em geração, através da prática da pesca na tumultuada foz do Rio Doce e no agitado mar de Regência. No entanto, essa prática é prejudicada e pode-se questionar sobre a atualidade desse personagem. Interrogo-me sobre as formas como estes valores podem ser manifestados e transmitidos desde a proibição da pesca na região, propondo-me considerar que são agora transmitidos através da prática do surf que se popularizou na região.

Conclusão

Nesta tese, tento mostrar o que está por trás da presença dessas entidades, o que me permite abordar o campo em toda a sua complexidade, sem cair, espero, em uma visão que não seja nem totalmente entusiasmada nem totalmente sombria.

Tenho me interessada por formas sutis de resistência, duma forma que seja a mais próxima possível da realidade do campo, com base em vínculos particulares com o rio e o território, que se combinam com outras ações mais frontais e institucionalizadas no nível mais macro do desastre, com processos judiciais, incluindo um atualmente em andamento em Londres contra a BHP-Billiton. Por meio dessas entidades e das relações nas quais elas estão entrelaçadas, o objetivo foi mostrar que todas as relações e iniciativas para um futuro em Regência são frágeis, ainda precisam ser construídas e não oferecem garantias.

Destaquei o fato de que o que eu inicialmente considerava ser seres frágeis e ameaçados acabou sendo mais resistente do que eu imaginava e é potencialmente o que a resistência poderia passar no futuro. Esses seres e suas relações são formas de continuar vivendo nesse território contaminado e não deixar a última palavra para a empresa quanto ao futuro que está tomando forma ali.

Além disso, considerar a Renova como uma entidade permite dissecá-la, seguir para onde ela vai, onde estão seus pontos fortes e fracos e, portanto, identificar momentos e lugares de ação localizados, ao passo que, de outra forma, seríamos tentados a definir a instituição como um grande bloco, uma máquina, contra a qual seríamos impotentes.

Por fim, esta tese convida a antropologia a se abrir para a descrição de situações incertas, difusas e complexas. E isto passa em particular pela proposta de adoptar uma certa modéstia de análise, sem pretender chegar a conclusões totalizantes e estáveis, mas propondo pequenos pedaços de análise, que se constroem pouco a pouco, mas também podem desmoronar-se. Só podemos conhecer o rio por pedaços... E nós aceitamos isso, aceitamos os limites da nossa epistemologia e tentamos ir além deles, para tornar essa epistemologia talvez mais permeável.

Referências

Cahn, Livia, Chloé Deligne, Noémie Pons-Rotbardt, Nicolas Prignot, Alexis Zimmer & Benedikte Zitouni (2018). *Terres des villes: enquêtes potagères de Bruxelles aux premières saisons du 21e siècle*. Paris : Éditions de l'éclat.

de la Cadena, Marisol (2014). The Politics of Modern Politics Meets Ethnographies of Excess Through Ontological Openings. *Fieldsights. Theorizing the Contemporary*.

de la Cadena, Marisol (2015). *Earth beings: ecologies of practice across Andean worlds*. The Lewis Henry Morgan lectures 2011. Durham: Duke University Press.

Despret, Vinciane ([2015] 2021). *Our Grateful Dead: Stories of Those Left Behind*. Traduit par Stephen Muecke. Posthumanities 65. Minneapolis London: University of Minnesota Press.

Favret-Saada, Jeanne (1990). Être affecté. *Gradhiva : revue d'histoire et d'archives de l'anthropologie*, 8, 3-9. <https://doi.org/10.3406/gradh.1990.1340>

Goldman, Marcio (2023). « A relação afroindígena ». *Cadernos de Campo*, 23(23), 213-222. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v23i23p213-222>.
<https://culanth.org/fieldsights/the-politics-of-modern-politics-meets-ethnographies-of-excess-through-ontological-openings>

Kohn, Eduardo ([2013] 2017). *Comment pensent les forêts: vers une anthropologie au-delà de l'humain*. Bruxelles: Zones Sensibles.

Latour, Bruno ([1991] 2013). *Nous n'avons jamais été modernes: essai d'anthropologie symétrique*. La Découverte-poche 26. Paris: La Découverte.

Latour, Bruno (2000). Factures/fractures. De la notion de réseau à celle d'attachement. Dans Micoud, André & Michel Peroni, *Ce qui nous relie* (p189-208). La Tour d'Aigues : Éditions de l'Aube.

Strathern, Marilyn ([1991] 2004). *Partial Connections*. Lanham: AltaMira Press.

Tsing, Anna Lowenhaupt [[2011] 2020], *Friction: délires et faux-semblants de la globalité*. Paris: la Découverte.